



OS MENSAGEIROS DA MORTE

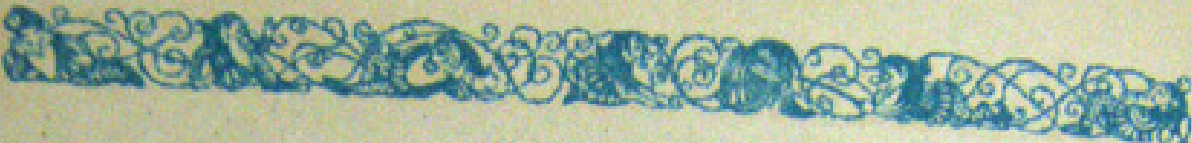
HA muito tempo, um gigante andava pela estrada real quando, inesperadamente, um desconhecido saltou-lhe na frente e gritou:

— Alto lá! Nem mais um passo!

— O que? — disse o gigante; — tu, pigmeu, que eu poderia esmigalhar entre os dedos, queres impedir-me o caminho? Quem és tu para te atreveres a falar-me com tanta audácia?

— Eu sou a Morte! — respondeu o desconhecido: — no mundo ninguém me resiste; tu também tens de obedecer às minhas ordens.

Mas o gigante recusou obedecer e travou luta com a Morte. Foi uma longa e violenta luta, da qual saiu vencedor o gigante que, com um pesado sóco, prostrou a Morte, fazendo-a rolar até junto a uma pedra. Em se-



guida, o gigante continuou o caminho e a Morte quedou-se lá vencida, exausta a ponto de não poder sequer levantar-se do chão.

— Que sucederá se eu ficar abandonada aqui neste canto? — refletia ela. — No mundo não morrerá mais ninguém e ficará tão povoado que não haverá lugar nem para ficarem de pé um junto do outro.

Entretanto, pela estrada aproximava-se um rapaz jovem e sadio; vinha cantando alegre canção e olhando despreocupadamente para um lado e para outro.

Ao deparar com aquêlê indivíduo semi-desmaiado ali no canto, aproximou-se cheio de cômpaixão; ergueu-lhe a cabeça, despejou-lhe na bôca um gole de vinho que trazia no frasco e aguardou que readquirisse as fôrças.

O indivíduo recuperou os sentidos e, pondo-se de pé, disse:

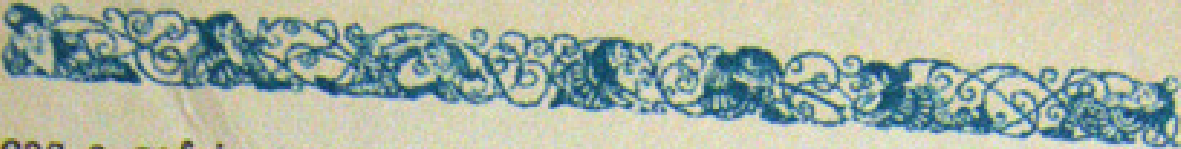
— Sabes porventura quem sou e a quem estás ajudando a por-se de pé?

— Não sei, — disse o jovem; — não te conheço.

— Eu sou a Morte; — redargüiu o desconhecido; — não poupo ninguém neste mundo e, também, não posso fazer excessão contigo. Todavia, para, provar-te que sei ser reconhecida, prometo não te assaltar de surpresa; antes de vir buscar-te, enviar-te-ei meus mensageiros para te avisarem.

— Está bem, — disse o rapaz; — já é alguma coisa saber com antecipação quando virás, assim, nesse entretempo não ficarei a temer-te, viverei seguro.

Depois continuou o caminho, sempre alegre, despreocupado e gozando o momento presente. Mas mocidade e saúde nem sempre duram. Chegou o dia em que as doen-



ças e sofrimentos o atormentavam durante o dia e não lhe permitiam dormir de noite.

“Morrer, não morreréi ainda! — pensava êle, — porque a Morte prometeu enviar-me os seus mensageiros para avisar-me; contudo gostaria que os tristes dias de enfermidade já tivessem passado”.

Assim que recuperou a saúde, retomou o habitual sistema de vida, alegre e despreocupado. Mas eis que, um belo dia, alguém lhe bateu no ombro; êle virou-se prontamente e deu de cara com a Morte, a qual lhe disse:

— Segue-me! Chegou a hora de te despedires do mundo.

— Como assim? — exclamou o rapaz. — Estás querendo faltar à palavra? Então não prometeste que, antes de vir buscar-me, mandarias teus mensageiros para avisar-me? Eu não vi nenhum até agora!

— É me^lhor que te cales, — replicou a Morte, — Então não te mandei um após outro? Não veio a febre, apoderando-se de ti e prostrando-te na cama? A vertigem não atordoou a tua cabeça? A artrite não atormentou os teus membros? Não te zumbiam os ouvidos? A dor de dentes não te corroeu a bôca? Tua vista não se obscureceu, deixando-te tonto? E, além de tudo isso, o meu irmão gêmeo, o Sono, não fazia que pensasses em mim tôdas as noites? Não jazias inerte na cama como se estivesses morto?

O homem não soube o que responder; resignou-se ao seu destino e seguiu a Morte.